

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

RITA DE CÁSSIA ANTAS CORDEIRO

**A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA PRÉ-ESCOLA NAS PERSPECTIVAS DAS
PROFESSORAS**

BARBALHA

2012

RITA DE CÁSSIA ANTAS CORDEIRO

A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA PRÉ-ESCOLA NAS PERSPECTIVAS DAS
PROFESSORAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Área de Concentração: Educação Infantil

Orientadora: Prof.^a Dra. Sinara Almeida da Costa.

BARBALHA

2012

RITA DE CÁSSIA ANTAS CORDEIRO

A ORGANIZAÇÃO DA ROTINANA PRÉ-ESCOLA NAS PERSPECTIVAS DAS
PROFESSORAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

APROVADO: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Sinara Almeida da Costa (orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Nome e título do professor

Nome e título do professor

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai e amigo de todos os momentos de minha vida e por me proporcionar força e fé para seguir sempre adiante.

À minha família, meus pais e irmãos por serem exemplo de união, companheirismo e amor.

Às professoras do Curso de Especialização em especial minha orientadora Sinara Almeida pela paciência, compreensão e competência.

Ao meu sobrinho Gésio Eduardo, pela sua dedicação, carinho e por ter sido sempre prestativo nos momentos difíceis.

Às minhas amigas Antônia, Benigna, Inês e Eliane pela amizade construída.

Ao professor Dr. Edson Soares Martins, do Departamento de Letras da Universidade Regional do Cariri, pela contribuição.

RESUMO

Esta pesquisa trata da rotina na Educação Infantil. Seu objetivo é compreender como acontece a organização da rotina na pré-escola, nas perspectivas das professoras. A investigação se apoiou nos estudos de: Oliveira (1995), Craidy & Kaercher (2001), Barbosa (2006), Andrade (2007), Sales (2011). A pesquisa é de natureza qualitativa e teve como metodologia entrevistas semiestruturadas realizadas com três professoras de pré-escolas públicas municipais que tiveram formações diferentes. Os resultados encontrados revelam que a organização da rotina na pré-escola é realizada de maneira *fragmentada*, que mesmo tendo a intenção de promover o cuidar e o educar, mostra-se. A partir das análises feitas, concluiu-se que as atividades desenvolvidas diariamente com as crianças são, normalmente, centradas na figura do professor, planejadas de acordo com suas escolhas e com função de facilitar o trabalho docente. Mesmo com o discurso de que a organização da rotina é importante para o desenvolvimento infantil, percebe-se que há uma dicotomia nas falas docentes, entre a teoria e a prática. Essas análises também mostram rigidez por parte do professor no que diz respeito às ações das crianças. Por outro lado, existe uma preocupação dos professores em valorizar as brincadeiras como forma de interação e aprendizagem. Assim, surge a necessidade de melhor refletir a organização da rotina tendo em vista que sua organização deve focar o desenvolvimento integral das crianças, levar em consideração suas opiniões, desejos e necessidades.

Palavras-chave: Rotina.Professores.Pré-escola.

ABSTRACT

This research is about routine in Preschool. Its objective is about understanding how the organization of routine happens in preschool, in teachers' perspective. The investigation is based in many authors, such as: Oliveira (1995), Craidy & Kaercher (2001), Barbosa (2006), Andrade (2007), Sales (2011) and others. This research has qualitative nature and its methodology is about semistructured interviews that was realized with teachers from public municipal preschool that had different formations. The results we got reveal that the preschool routine organization is realized in a superficial way, even if its intention is to promote caring and educating, in the end, it is insufficient. From the analysis we made, we concluded that the activities that were developed daily with child are, normally, centered in teachers' picture, and are planned according with their choices and its function is to facilitate teachers' work. Even with the discourse that the routine organization is important to child development, we can see that there is a dichotomy in teachers' speak, between theory and practice. Those analysis also shows rigidity in teachers regarding in child actions. In other hand, rises the necessity of a better reflection about the routine organization, owing to that its organization should focus child integral development, considering their opinions, desires and necessities.

Keywords: Routine. Teachers.Preschool.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	7
2 REFLEXÕES TEÓRICAS.....	11
3METODOLOGIA.....	21
3.1 A abordagem Metodológica da pesquisa.....	21
3.2 A seleção da modalidade e dos sujeitos da pesquisa.....	21
3.3 As entrevistas.....	22
3.4 Descrições dos sujeitos da pesquisa.....	23
3.5 O percurso das entrevistas.....	24
4A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA PRÉ-ESCOLA NAS PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS.....	26
5CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE.....	47

1INTRODUÇÃO

A expansão da Educação Infantil no nosso país tem crescido nos últimos anos, acompanhando as mudanças da sociedade, marcada pelos movimentos sociais como: a participação da mulher no mercado de trabalho, as mudanças nas estruturas das famílias, o crescimento urbano e industrial, somados as contribuições científicas da psicologia e pedagogia. A partir desses fatores a sociedade e os órgãos públicos viram a necessidade de promover o atendimento às crianças pequenas em instituições educativas.

Partindo desse pressuposto, a Educação Infantil passou a ser um direito da criança garantido pela constituição. Já a LDB nº 9394/96 considera que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança como também complementar a ação da família e da comunidade. Devem ser ofertadas vagas em creches ou entidades equivalentes, para crianças com até 3 anos de idade e em pré-escolas para crianças de 4 a 6 anos e a avaliação será feita mediante acompanhamento, sem o objetivo de promoção. A formação dos professores como exige a LDB (1996) carece de no mínimo nível médio na modalidade normal, sendo mais indicada a formação acadêmica e ainda, quando possível, especialista em Educação Infantil.

Mesmo com todos esses subsídios legais, para que de fato a qualidade da Educação Infantil aconteça, se fazem necessários mais investimentos, mais parcerias governamentais, formação de professores e construções de espaços institucionais que atendam às necessidades das crianças. E mesmo com a ampliação da oferta de vagas, a qualidade parece não acompanhar de forma satisfatória. Ações desenvolvidas pelo poder público caminham a passos lentos. Prevalece o assistencialismo, como se a população infantil precisasse de qualquer espaço, qualquer meio, justificando-se unicamente pela pobreza. Faltam ações que combatam essa visão preconceituosa. *De acordo com Costa (2007, p. 40), “assistencialismo aqui significa função destinada à população pobre, qual seja, preconceituosa em relação à pobreza, descomprometida com a qualidade, que visa apenas ao cuidado com o corpo e educa para a conformidade social.”*

No que diz respeito a uma proposta pedagógica, ela deve nortear as ações dos profissionais que atuam na educação infantil, pois muitas vezes nem existe na instituição, e se existe, fica engavetada, não fazendo jus as necessidades das crianças. Rosemberg (2002) e Campos (2008) frisam a ação do Estado em não assumir suas responsabilidades, em fazer de acordo com a lei, o Estado cria e recria programas que apenas amenizam os problemas e não os resolvem.

Para que a Educação Infantil seja de qualidade e não uma preparação para o ensino Fundamental, faz necessário se cumprir as leis, que as instituições considerem as especificidades afetivas, cognitivas e sociais das crianças. Incluindo no cotidiano, atividades diversificadas, na busca de promover a interação e a autonomia dos pequenos. Para Barbosa (2006), rotina é uma categoria pedagógica que os profissionais da Educação Infantil estruturam para desenvolver o trabalho cotidiano nessas instituições.

Dentro da minha prática, pude observar que a rotina na maioria das vezes se distancia dos seus fundamentos, se desnorteiam, isto é, atitudes diárias baseadas em atos mecânicos, por exemplo: hora de chegada, do lanche, da higiene, do almoço, das brincadeiras que se repetem dia após dia, sem um repertório novo, criativo e prazeroso. Por isso, senti a necessidade de investigar esse tema para melhor entender por que isso acontece. Também acredito que esta pesquisa venha a repercutir na qualidade da Educação Infantil e que possa contribuir para a sociedade a partir de uma reflexão acerca de possíveis mudanças de atitudes por parte dos profissionais que atuam direta ou indiretamente nessa área

. Um documento que pode ajudar o professor na organização da rotina é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI (BRASIL, 1998). Esse documento visa oferecer uma abordagem teórica que envolve a prática sobre as creches e pré-escolas no Brasil, e têm como aspectos importantes:

- a) As concepções de criança e educação, instituição e educador;
- b) Os objetivos gerais da Educação Infantil;
- c) Algumas orientações sobre a organização de eixos de trabalho, referentes às áreas de formação pessoal, social e conhecimento de mundo, numa perspectiva integrada de educar e cuidar (isso quer dizer que são levadas em conta as especificidades emocionais, afetivas, cognitivas e motoras das crianças).

Esse documento conta de III volumes, entre eles, o volume I (1998) faz referências à construção da rotina. Ele contribui para as experiências promovidas para as crianças na instituição infantil e apresenta alguns princípios como:

- d) O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.;
- e) Direito das crianças de brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

- f) O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- g) A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- h) Atenção aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

Como percebemos, este documento traz informações que podem ajudar os profissionais na organização da rotina. Princípios que consideram a criança como um ser de direitos, que precisam ser incluídos na prática docente de forma a possibilitar o desenvolvimento infantil. Além dos Referenciais existe outro documento que integrou a Educação Infantil à Educação Básica desde 1996, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com o nº 9.394/96. A LDB vem contribuindo para avançar na melhoria dos serviços prestados a população, no âmbito educacional referente à primeira infância.

Desde então uma série de inovações vem acontecendo, podendo destacar o estímulo à autonomia das instituições na organização do seu currículo, na pluralidade de métodos pedagógicos os quais asseguram a aprendizagem, e reafirmam os artigos da Constituição Federal, no que diz respeito ao atendimento gratuito em creches e pré-escolas. A partir dos novos desafios que vêm sendo apresentados, a Educação Infantil fortaleceu a necessidade de reformular e atualizar essas diretrizes.

Os desafios em pauta constam a ampliação das matrículas, a regulação do funcionamento das instituições, a diminuição no número de professores não habilitados para atuarem na Educação Infantil que se entrelaçam aos princípios e orientações referentes à organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de propostas pedagógicas. Frisando que tais princípios não perderam o valor.

A Resolução datada em 17 de dezembro de 2009 é recente e alavanca o processo de superação dos entraves, abrindo novos horizontes para uma melhoria na Educação Infantil. A mesma consta de 13 artigos, os quais se referem à proposta pedagógica, currículo, função sociopolítica e pedagógica da Educação Infantil, ao funcionamento legal das instituições, formação profissional e avaliação.

O tema rotina vem despertando o interesse de alguns estudiosos, que pesquisam nesse campo para traçar caminhos que levem a uma qualidade no atendimento diário das creches e pré-escolas. Valendo destacar Barbosa (2006), Andrade (2007) e Rodrigues (2009).

Barbosa (2006) fez uma pesquisa por meio de observações do cotidiano de instituições públicas brasileiras e estrangeiras. Com objetivos de indagar o que são rotinas, qual sua função nas pedagogias de Educação Infantil e como operam o dia-a-dia das crianças e adultos. Para realizar essa pesquisa, a autora se apoiou em pesquisas bibliográficas, de diversos materiais empíricos, observações e pesquisa de campo, em escolas infantis do Brasil e no exterior. Concluiu que as rotinas são formas de controlar e regular as crianças; que a prática pedagógica é voltada para formalidade; estão presentes ações de cuidar, educar e socializar e que para os professores, rotina é um desafio diário.

Andrade (2007) realizou uma pesquisa que teve como objetivo analisar como os três principais sujeitos dessa primeira etapa da Educação Básica-professores, crianças e famílias - percebem a rotina na instituição pré-escolar, a fim de identificar e de compreender os fatores que incorrem para sua organização, execução e manutenção. Em sua metodologia a autora usou observação participante, entrevistas, questionários e análise de documentos. Os resultados apontaram que a rotina na visão das professoras se restringe à hora da “tarefa” e a sala de aula é apenas um lugar para realizar atividades e as crianças aprenderem a ler e a escrever, se comportar e que não precisa mudar nada, pois tudo o que acontece na sala deixa as crianças satisfeitas. Sem esquecer de que se trata de uma rotina rígida, cheia de vigilância, de controle e de grande espera.

Na visão das famílias, não é diferente ao falar da rotina, o que elas apontaram como importante, foi a “tarefa” e a escola só é o lugar para a criança aprender a ler e a escrever. Apreende-se uma concordância discursiva entre professoras e famílias, no que diz respeito das crianças e da educação infantil. Com relação às crianças, foi constatado que elas, ao contrário do que disseram as professoras, afirmaram que não gostam da rotina, das atividades propostas e realizadas, pois a atividade que elas mais gostam de fazer, que é brincar, não acontece como gostariam.

Rodrigues (2009) propôs objetivos como: analisar numa turma de Jardim I, como as rotinas contribuem para a construção da qualidade na Educação Infantil, analisar como as rotinas estavam organizadas e a que objetivos cumpriam, identificar como as rotinas se vinculavam às práticas cotidianas de sala de aula e identificar o papel da professora no planejamento e na construção das rotinas. Nessa pesquisa, a autora usou a observação participante, as entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, diário de campo, conversas informais e análise documental.

Ela concluiu que a rotina oscilou tanto entre momentos de controle, permeados pela autoridade da professora, quanto por momentos livres, por vezes lúdicos, dinâmicos e alguns pelo ócio. As atividades desenvolvidas eram diversificadas variando entre livres e dirigidas. A professora buscava ser atenciosa e comprometida aos sentimentos das crianças. Ela reconhecia a importância da construção da rotina permeada por atividades que contemplassem o brincar, a construção e superação de novos desafios, aprendizagens significativas que contribuíssem para a formação integral da criança, entretanto, ela sozinha organizava a rotina.

Foi constatada também a interação entre as crianças, o respeito, mas vale ressaltar que mesmo a professora buscando favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, não pôde afirmar que ela tenha construído a rotina vinculada a uma educação infantil de qualidade.

Observa-se, que as referidas autoras verificaram a existência de aspectos semelhantes nas rotinas das instituições investigadas, como a rigidez, a autoridade da professora, a não participação das crianças na construção da rotina e que há uma forte tendência de controle e regulação.

Tendo em vista os elementos apontados até aqui e que indicam o importante papel da rotina na Educação Infantil, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a concepção de rotina e sua organização nas perspectivas das professoras da pré-escola.

Especificamente, pretende:

- a) identificar o que as professoras pensam sobre rotina;
- b) analisar a rotina na pré-escola nas perspectivas das professoras;
- c) identificar e analisar o que as professoras levam em consideração na organização da rotina.

2 REFLEXÕES TEÓRICAS

Este capítulo apresenta as idéias de alguns autores que vêm estudando rotinas na Educação Infantil, embasados em concepções sócio-interacionistas de aprendizagem e desenvolvimento humano servindo de base epistemológica para esta pesquisa.

O trabalho com crianças pequenas requer conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, atitudes constantes que as instiguem, produzam-lhes entusiasmo, prazer e que venham a aguçar sua curiosidade em desvendar o mundo no qual estão inseridas. As funções que competem aos profissionais de Educação Infantil exigem uma formação específica, destinadas ao cuidar e ao educar das crianças.

Para Oliveira-Formosinho (2002, p.81), “a criança pequena tem características específicas devidas ao seu estágio de desenvolvimento, aos seus processos de crescimento e à sua vulnerabilidade”. Daí a necessidade do professor ser bem preparado para atuar com essas crianças. Valendo destacar, que quanto menor for a criança, maiores são as responsabilidades desse profissional com as mesmas.

Falando um pouco de formação profissional, urge tornar esse profissional da infância em um profissional mais informado, que estude e se capacite para melhor desenvolver o seu trabalho. No Brasil ainda é alarmante a baixa escolaridade desses profissionais, não restrito aos docentes, mas também aos demais profissionais que trabalham na Educação Infantil. Como relata Cruz (1996, p. 82), “[...] em vários estados do país há altas taxas de professores considerados leigos, isto é, sem titulação necessária; e um grande contingente de profissionais que lida diretamente com as crianças nas creches sequer concluiu a escolaridade fundamental”.

Os cursos de formação para professores infantis ainda é um dos desafios na área. A oferta existe, porém, as disciplinas que compõem seus currículos não suprem as expectativas dos docentes, quando esses se referem aos cuidados e a educação dos pequenos. Uma realidade que deixa o professor em desvantagem na hora de procurar por uma qualificação, a qual tenha um currículo que atenda as suas necessidades e que venha a colaborar através dos seus conhecimentos adquiridos a constituí-los como sujeitos.

É o que assinala Cruz (1996, p.84):

O educador é um parceiro privilegiado do desenvolvimento da criança pequena e, portanto, deve ter capacidade e sensibilidade para mediar a relação entre ela e o meio em que vive, ajudando-a a construir significados, adquirir novas capacidades e a constituir-se como sujeito.

Nesse sentido, a rotina nas instituições de Educação Infantil precisa mais do que nunca ser repensada, avaliada e ganhar uma nova roupagem. Precisa sair de cena aquela

conhecida monotonia, aquele ato camuflado por parte dos adultos de decidir tudo como se apenas eles existissem, fizessem parte desse processo, precisa também assumir com clareza e compromisso as competências das crianças e usá-las a favor das crianças. Costa (2011, p. 85) diz que o adultocentrismo é quando o adulto é situado no centro das tomadas de decisão, reduz a infância a uma categoria subalterna perante o meio.

Muitos são os estudiosos que vem contribuindo para a concretização de uma nova consciência profissional, voltada para a valorização de um trabalho organizado, nas creches e pré-escolas, entre eles: Carmem Craidy e Gládis Kaercher (2001), Carmem Barbosa (2006), Zilma de Moraes (1995). Nas suas pesquisas, as autoras mostram como é o trabalho nas instituições de Educação Infantil e sugerem uma nova forma de organizar as rotinas de acordo com as leis e especificidades das crianças. De acordo com Barbosa (2006, p. 41), a palavra rotina está presente na língua portuguesa desde 1844:

[...] apesar de as rotinas existirem a muito mais tempo, foi apenas no final do século XVII que elas passaram a ser utilizadas na vida e na linguagem cotidiana [...] presente em algumas línguas como o latim, inglês, português e francês, é a de uma noção espacial vinculada a um caminho, direção, rumo.

Para a mesma autora, “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil” (Barbosa 2006, p. 35). Este conceito classifica a rotina como uma estrutura importantíssima para a organização das atividades diárias que se realizam nas instituições de educação infantil. Nessa perspectiva, a rotina pode ser entendida como estrutura condutora do tempo e do espaço, obedecendo às pedagogias da Educação Infantil com objetivo de orientar as ações dos adultos e dos pequenos nas instituições infantis.

De acordo com as instituições, a rotina é construída de forma distinta evidenciando as rotinas/rotineiras, aquelas que não mudam, que estacionaram impedindo de avançar para o novo, no extraordinário, parando no tempo e no espaço. Para Barbosa (2006, p.41), “as rotinas rotineiras são: as ações ou os pensamentos – mecânicos ou irrefletidos – realizados todos os dias da mesma maneira, um uso geral, um costume antigo ou uma maneira habitual ou repetitiva de trabalhar”.

Comumente, é essa a realidade com que deparamos: uma rotina baseada apenas em um repertório de ações envolvendo a chegada, hora do lanche, da higiene, do recreio, da atividade pedagógica (muitas vezes a atividade escrita é vista como tal) e a saída. O que se constata é o comodismo atuante que empobrece o trabalho junto aos pequenos, fruto de um tradicionalismo social e educacional. As autoras Barbosa (2006), Craidy e Kaercher (2001) e Oliveira (1995), são unânimes em apontar o tempo e o espaço, como principais elementos na organização da rotina.

Também de acordo com a SEDUC (2000, V.04, p. 20):

[...] a rotina deve ser organizada de acordo com a faixa etária, interesse e ritmo da turma. Cada atividade da rotina deverá oferecer à criança um tipo de experiência diferente. Organizar o dia-a-dia da criança significa estruturar o coletivo infantil, no tempo e espaço.

O tempo é um dos elementos considerados importantes na organização da rotina. O tempo do relógio e do adulto. O tempo da pressa, da rigidez que determina o momento de vivenciar certa atividade, características fortes existentes na organização das rotinas de creches e pré-escolas. Uma rotina de tempo fixo, inflexível e burocrático. É essa burocracia que precisa ser rompida, dar lugar ao coletivo democrático, onde crianças, adultos e inclusive as famílias, sejam ouvidas e atendidas de forma mais justa e significativa, criando laços afetivos, os quais possibilitem uma harmonia espacial capaz de superar os problemas de relacionamentos entre instituição e famílias. Como ressaltam Craidy e Kaercher,(2001, p. 18):

Que os pequenos e pequeninhos participem deste espaço social, é necessário que se criem novos sentidos nas relações adulto-criança, famílias-educadores, pais filhos e também que haja, por parte dos adultos, uma vontade de experimentar, criar outra forma de ver, entender, conviver com as crianças.

Experimentar e criar junto às crianças, significa abrir caminhos para uma parceria mais unida e solidária, onde o adulto entenda a criança como um ser ativo, participativo e inteligente que é. Manifestar alegria, prazer em estar na companhia das crianças, fornecer meios de vivenciar atividades que as façam sentir úteis, amadas e competentes. Que o professor use e abuse de sua criatividade, sensibilidade e inteligência na hora de planejar as atividades que irão enriquecer a rotina no cotidiano das creches e pré-escolas. Não pode ser qualquer atividade, tem que ser coerente, planejado e direcionado para a faixa etária de cada grupo de crianças.

A partir do tempo, as atividades podem ser organizadas dependendo da forma como pensam e procedem às ações, outros tipos podem ser incluídas no cotidiano das creches e pré-escolas. Segundo Dornelles e Horn (1998 *apud* CRAIDY, 2001), são elas: atividades diversificadas para livre escolha, atividades opcionais e as coordenadas pelo adulto. Atividades diversificadas para livre escolha são aquelas que permitem as crianças escolherem o que desejam fazer, desde que o ambiente favoreça, através de materiais e espaços organizados e que o professor permaneça observando, acompanhando as decisões das crianças e intervindo quando necessário. São alguns exemplos: brincadeiras individuais ou em grupo, fazendo uso dos diferentes cantos da sala, fantasia, de casa de bonecas, pintura, desenho e atividades corporais (músicas, dramáticas, plásticas, de linguagem oral e escrita).

Atividades opcionais: são aquelas propostas a partir do interesse das crianças, podendo acontecer dentro ou fora da instituição. Exemplos: passeios, visitas à comunidade, casa dos colegas, praça, teatro, cinema e outras. Atividades coordenadas e organizadas pelo adulto são propostas de trabalho coletivo. Nestas atividades trabalham: atenção, concentração, capacidade das crianças de atenderem as propostas feitas coletivamente, podendo realizá-las nos espaços internos ou externos. Exemplos: construção do planejamento das atividades diárias, jogos sensoriais, naturais, brincadeiras de roda, entrevistas, passeios, piqueniques e outras.

Com relação à estruturação dessas atividades elas podem ser organizadas de acordo com as sugestões dadas pelas autoras Craidy e Kaercher (2001). O dia-a-dia (dois a seis anos) - possibilidades de organização:

- a. chegada dos educadores, combinações à cerca do trabalho;
- b. organização da sala e dos materiais;
- c. recepção das crianças;
- d. café da manhã;
- e. atividades diversificadas para livre escolha e/ou brincadeiras no pátio;
- f. planejamento das atividades do dia (retomada do que vem sendo feito pelo grupo, proposição de novos encaminhamentos, etc.);
- g. atividades coordenadas pelo adulto;
- h. atividades expressivas das diferentes linguagens;
- i. higiene e almoço;
- j. relatos ou trocas de informações orais entre educadores na mudança de turno;
- k. sono ou atividades de repouso;
- l. atividade coordenada pelo adulto;
- m. pátio ou brincadeiras de livre escolha;
- n. lanche;
- o. atividades diversificadas de livre escolha;
- p. reorganização da sala e saída.

As atividades podem surgir de temas, de fatos na sala de atividades, de uma situação problema ou de um relato apresentado por uma criança, tudo isso pode se transformar em projetos que podem ser trabalhados com os bebês dos berçários e na pré-escola. A partir da observação do docente, de sua formação e leitura feita sobre o seu grupo de crianças essa prática pode ser concretizada, favorecendo para o desenvolvimento infantil, com isso o professor escolhe e organiza atividades mais adequadas para cada idade.

Em relação aos bebês, as atividades que exploram os materiais existentes na sala podem ser muito interessantes, nesse momento o professor observa, faz anotações e organiza atividades mais complexas sem sair do eixo temático que estiver sendo trabalhado. Podemos citar algumas dessas atividades de deslocamento feitas na terra, pelo ar e pela água:

- q. Na terra o bebê pode:
 - rolar;
 - rastejar;
 - andar de quatro;
 - escalar;
 - passar por túneis;
 - descer e subir escadas e escorregadores;
 - empurrar objetos;
 - deslizar sobre superfícies.
- r. No ar, ele pode:
 - saltar; pendurar-se em barras;
 - virar cambalhotas.
- s. Na água, pode:
 - mergulhar;
 - flutuar;
 - saltar.

Se tratando de crianças maiores, de três a seis anos, elas podem explorar temas que despertem sua curiosidade, o imaginário, o faz de conta; organizar passeios, entrevistar pessoas, conhecer elementos culturais que não façam parte de sua cultura, que promovam prazer e desafio às crianças.

Para a efetivação dessas atividades, o ambiente tem que ser formado por espaços aconchegantes, decorados de acordo com a faixa etária, ricos em materiais e bem organizados. Tudo porque o ambiente influencia na aprendizagem e desenvolvimento infantil. No Brasil, a realidade das creches e pré-escolas foge dessas expectativas descumprindo a lei que obriga oferecer às crianças espaços que promovam o seu desenvolvimento. Sobre os ambientes infantis, Oliveira afirma (2001, p. 118) que:

Em geral, os ambientes infantis têm sido pobremente planejados, pois geralmente são orientados para atender às necessidades do adulto e/ou do grupo como um todo, desconsiderando as necessidades próprias das crianças, principalmente em instituições onde se restringe muito o desenvolvimento da identidade pessoal.

Esse fator é real e agravante na maioria das instituições para crianças, principalmente nas que assistem a classe mais pobre da população. O adulto determina, impõem e regula as ações dos pequenos, desrespeitando seus direitos e pondo em risco seu desenvolvimento. As crianças são vistas como seres iguais, sem individualidade, onde todos fazem o que foi determinado pelo professor, tudo ao mesmo tempo, desconsiderando seus potenciais e necessidades.

Os ambientes (espaços), na sua maioria são retratados sem vida, sem atrativo, sejam eles internos ou externos, não dispendo de materiais suficientes para todos, prejudicando o trabalho do grupo e tornando-o ocioso, com espera e tédio o cotidiano das crianças e educadores. Em consonância com as autoras Craidy e Kaercher (2001), a criança precisa estar inserida em um ambiente formado por odores, ritmos, cores, mobiliários, sons, gostos, toques e regras de uso espacial.

- t. os odores: o cheiro das crianças, do professor, dos lugares como os das dependências da instituição, banheiro, cozinha, pátio, brinquedos e outros materiais;
- u. os ritmos: esses são os do dia-a-dia como os dos espaços onde acontece a chegada, o repouso, a alimentação, as brincadeiras e saída. Um momento único o qual se conversa, brinca e interage;
- v. os mobiliários: devem ser de acordo com o usuário, para crianças e adultos. A decoração do ambiente deve ser mutável e ter a participação das crianças, pais e educadores;
- w. as cores: todas as cores, as claras e as fortes, sempre contrastando uma com a outra, evitando o uso sexista de azul e rosa;
- x. os sons e as palavras: oferecer às crianças um ambiente sonoro, onde os sons fracos e fortes sejam propostos. Possibilitar aos ouvidos infantis sons de instrumentos como: sinos, móveis, caixa de música, fazendo sempre uso da palavra para se comunicar e interagir com o grupo;
- y. os gostos: visitar a cozinha, o refeitório, para apreciar os gostos dos alimentos, dos objetos, dos brinquedos, dos líquidos e de tudo que for possível saborear.
- z. os toques: tocar todos os elementos naturais, fazendo uso do fogo com o máximo de cuidado e planejamento, transformando-os. Descobrir através do toque as variadas sensações agradáveis como, tocar o próprio corpo, o do colega, abraçar um adulto sentindo-se acolhido uma forma de carinho e atenção.

- aa. as regras de uso espacial: são regras que correspondem ao uso dos espaços, elas podem ser concretas ou verbais, usadas na divisão dos espaços. São elas:
- barreiras intransponíveis;
 - as contornáveis;
 - as sustentadas por um signo, como pano, linha e paredes.

As instituições são formadas pelos espaços interno e externo. A área interna é constituída pelas salas. Pensar na organização das instituições é oportuno. Idealizá-las como convém, ou seja, de acordo com o total de crianças, suas necessidades e características do grupo. Tanto na creche como na pré-escola, essa organização deve ser voltada para as crianças dando-lhes oportunidade de participarem. Vale lembrar que as crianças pequenas têm necessidades diferentes das maiores, daí saber escolher os materiais adequados disponíveis na sala é um fator preponderante na construção da autonomia social e intelectual das crianças.

Para delimitar o espaço, vários materiais podem ser usados, são eles: estantes, tapetes, panos, plásticos, biombos, móveis, placas, cortinas e outros. Segundo David e Weinstein (1987) todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender a funções relativas ao desenvolvimento infantil, promovendo:

- a) identidade pessoal;
- b) desenvolvimento de competência;
- c) oportunidades para o crescimento;
- d) sensação de segurança e confiança;
- e) oportunidades para contato social e a privacidade.

Segundo os autores, promover a identidade pessoal das crianças implica personalizar espaços e objetos, permitindo as mesmas se verem como seres inseridos num momento histórico-social, que possuem objetos e ocupam determinado espaço, estando ligados diretamente às construções relativas a pensamentos, memórias, crenças, valores, preferências e significados.

Promover o desenvolvimento de competências (realizar tarefas com autonomia), também é essencial. Isso significa desafiar as crianças constantemente com atividades novas e significativas, onde as mesmas se sintam provocadas. Desde cedo as crianças precisam dominar seu espaço, através de um ambiente planejado com instalações propícias ao seu deslocamento, sem sentir dificuldade, de ir ao banheiro ou pegar um objeto na estante. É importante que o adulto não veja isso apenas como um cenário, e sim, como uma ação pedagógica.

O professor deve promover também oportunidades de crescimento através de uma organização dos ambientes que favoreça o desenvolvimento em todos os aspectos: social, cognitivo, físico e motor das crianças. Como também serem estimuladas sensorialmente e nas relações afetivas com seus pares e adultos, onde possam movimentar-se em espaços limpos, arejados, iluminados e marcados de criatividade e beleza, variando nas cores e formas.

Promover segurança e confiança nas crianças é outro aspecto importante. A estrutura física do ambiente deve ser pensada de maneira que garanta essa sensação de segurança nas mesmas, para que elas possam explorar todos os espaços com autonomia, independência e confiança. Além de oportunidades para o contato social e não menos importante, pensar na privacidade dessas crianças em meio ao convívio. Sugere-se variar no tamanho dos espaços, os quais possam a vir expressar e explorar sentimentos sem ter que expor a criança a olhares alheios.

Para isso, Craidy e Kaercher (2001) sugerem a criação de cantinhos fixos, tais como:

- a) casinha de bonecas com todos os utensílios existentes no interior de uma casa comum;
- b) canto da fantasia com espelhos, panos, chapéus, sapatos, roupas, maquiagens, etc.;
- c) canto da biblioteca com almofadas, tapetes, estantes, livros, revistas e jornais;
- d) canto da garagem com taco de madeira para construção, carros, trilhas, etc.;
- e) canto dos jogos e brinquedos com jogos de encaixe, armas, sucatas, peças de plástico e madeira;

Além dos cantinhos fixos, existem também os cantinhos alternativos que podem variar de acordo com o interesse das crianças, o tema que se propõem a trabalhar e o espaço físico. São eles:

- f) canto da música com instrumentos industrializados ou confeccionados com sucatas: rádio, toca-fita, tambor e outros;
- g) canto do supermercado com embalagens vazias de diferentes produtos, sacos para empacotamento, dinheiro de papel e moeda, etc.;
- h) canto do cabeleireiro com espelho, maquiagem, rolos, secador, pentes, grampos, embalagens de xampu, creme, esmaltes e outros;
- i) canto do museu com objetos selecionados e coletados pelas crianças em casa, em passeios e viagens;
- j) canto da luz e da sombra com slides, lanternas, velas, lençóis e outros.

Se tratando do uso dos espaços externos, existe uma gama de possibilidades que podem ser exploradas e vivenciadas pelas crianças. Aqui a natureza e seus elementos contribuem para que as crianças despertem o desejo de experimentar, correr, subir e descer das árvores, manipular elementos como terra e água, sentir o vento no rosto, rolar no chão, brincar de esconde-esconde. Vejamos algumas sugestões de Craidy e Kaercher (2001) envolvendo espaços externos:

- k) espaços de interligação para jogos tranquilos: aqui as crianças podem usar bancos de praças, mesa para realizar atividades fora da sala, como por exemplo: desenho, pintura e culinária. Fazer piquenique, usar guarda-sol para banho de sol. Usar outros objetos como bolas, canos, vasos com plantas e flores. Fazer uso de armários onde possam guardar materiais e os bebês possam usá-los para brincar de esconde-esconde. Abrir e fechar a porta, sair e entrar, também um labirinto formado por plantas baixas, onde possam esconder-se ou se reservar. Também um aquário para observação e um espaço para colecionar objetos;
- l) espaço para brinquedos de manipulação e construção: nesse espaço a criança brincará com água, areia, madeira e pedras. Água para flutuar objetos, coar, fazer uso de funil e medidores. A areia para construir, fazer bolos e castelos. A madeira para brincar de marceneiro, empilhar, construir, assim como, as pedras e o ferro;
- m) espaço estruturado para jogos de movimento: esse espaço deve ser organizado para que a criança possa se movimentar de maneira livre, só ou acompanhada, que possa brincar com vários objetos, tais como: bicicleta, carrinhos de bebês e de mão, skate, patinete, escorregadores, escada, túneis, equipamentos com estrutura de metal, de ginástica, piscinas, bacias de vários tamanhos e esteiras para banho solar;
- n) espaço para jogos imitativos: nesse tipo de espaço, as crianças criam e recriam a partir de sua imaginação e dos materiais oferecidos a elas: casinha de bonecas com materiais no tamanho normal, gabinete médico, salão de beleza, escritório, banco. Cobertura tipo cabana para a realização de assembleia, contação de histórias, teatro móvel e cesto ou baú com roupas, espelhos, maquiagem e outros materiais;
- o) espaço não estruturado para jogos de aventura e imaginação: um espaço convidativo para criar animais e plantas, tipo um bosque de árvores, pedras,

túneis, arbustos e murrinho, no qual as crianças possam escalar, escorregar, subindo e descendo degraus.

Sabemos o quanto o espaço bem organizado pode influenciar no desenvolvimento infantil. Mas ao vislumbrar a instituição é ideal que seja agraciada com um espaço amplo, cheio de materiais que o deixem mais bonito e confortável. Porém existem também as instituições sem espaço, desfavorecendo o desenvolvimento da criança, configurando-se uma contradição do cuidar e do educar a criança. Até quando iremos conviver com essa realidade? Até quando professores e crianças conviverão com um abandono que exclui e desrespeita um ser que precisa se desenvolver e um que precisa trabalhar? Essas são perguntas que podem tão logo ou quiçá levar muito tempo ainda para serem respondidas. Até lá fica o anseio por mudanças, a crença de que um dia isso mudará e o Brasil oferecerá uma Educação Infantil de qualidade para todos sem distinção de raça, cor e posição social.

Tendo em vista tudo que foi mencionado aqui, existe um quesito essencial na construção da rotina o qual não se pode esquecer, que é o papel do professor. O professor como mediador, cúmplice, afetuoso, verdadeiro e colaborador das crianças em suas conquistas. Para isso ele precisa estar munido de conhecimento polivalente, distinguir as fases do desenvolvimento infantil e, acima de tudo, estar comprometido com o outro. Um profissional que seja capaz de promover o desenvolvimento integral desse ser em formação, valorizando seus potenciais e respeitando a sua individualidade. Alguém que seja ético, solidário e competente.

3 METODOLOGIA

A proposta deste capítulo é descrever os caminhos percorridos durante a elaboração e realização desta pesquisa. Para tanto, foi necessária uma pequena incursão à abordagem metodológica utilizada, a qual contribuiu para o delineamento dos procedimentos adotados, a descrição dos sujeitos participantes, bem como o percurso das entrevistas realizadas.

3.1 A abordagem metodológica da pesquisa

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e tem como objetivo compreender como acontece a organização da rotina na pré-escola, nas perspectivas das professoras. Qualitativa porque busca obter dados descritivos, a partir do contato direto do pesquisador com a situação, o objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente o pesquisador procurar entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação e, então, situar sua interpretação nos fenômenos estudados. De acordo com Minayo e Sanches (2003, p.224),

(...) a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

É característica da pesquisa qualitativa ter o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento essencial, ser descritiva, ter preocupação com o processo e não apenas com o produto, e ainda, considerar o significado como sua preocupação principal.

3.2 A seleção da modalidade e dos sujeitos da pesquisa

Este estudo foi realizado com três professoras de uma instituição de Educação Infantil, instituição pública, na cidade de Juazeiro do Norte, que atuam na pré-escola. A escolha justificou-se pelo fato de que há uma aproximação com o meu contexto profissional, e por acreditar que a escola pública pode ser boa, de qualidade. Já quanto à pré-escola, deveu-se à minha experiência ao longo desses anos de trabalho na educação infantil.

Participaram do estudo professoras com formações distintas. Por que distintas? Porque ainda existem muitos educadores com formação incompleta, inadequada, empobrecendo, o trabalho junto às crianças. Formações essas que contribuem para influenciar de forma bastante diferente as concepções desses professores no que se refere à finalidade da

Educação Infantil, da própria prática do educador e da concepção de criança e do seu desenvolvimento como pessoa. Vale destacar que está longe da Educação Infantil brasileira ser formada por professores que atuem com a qualificação adequada. Existem profissionais que atuam desde a formação mínima exigida que o 2º grau antigo *Normal*, até os especialistas. Um professor capaz e produtivo torna-se feliz e proporciona felicidade às crianças.

As idades das docentes, oscilam entre 41 e 45 anos. Todas trabalham na pré-escola e são de instituições diferentes. Duas trabalham 20 horas e a outra, 40 horas semanais. As entrevistas aconteceram na casa das docentes, de acordo com suas disponibilidades e com duração variando entre 2 horas e 2 horas e 30 minutos. Uma durou duas horas e as demais, duas horas e meia. As entrevistadas possuem, no mínimo, seis anos de atuação na Educação Infantil salientaram que um profissional com muito tempo na profissão, aparenta ser experiente, não que isso seja determinante para afirmar que esse educador seja exemplo, mas favorece. Outros fatores também contribuem para classificá-lo como tal: boa formação, compromisso e competência são requisitos essenciais no exercício da profissão. Vale ressaltar que mesmo com todos esses atributos ele precisa ter cuidado com as opiniões e atitudes que evidenciem preconceitos sobre as crianças pobres, ou qualquer outro tipo de manifestação dessa natureza. Como exprime Cruz (2002, p.85):

Possuir as informações e habilidades necessárias devem aumentar a autoconfiança do educador e melhorar as chances de ele sentir prazer no seu trabalho; no entanto, não se pode esquecer a importância das suas atitudes e opiniões envolvidas nesse trabalho. (...) esta é uma questão crucial e determinante, pois mesmo um educador aparentemente bem informado e competente pode ter sua possibilidade de realizar um bom trabalho totalmente prejudicada por atitudes e opiniões errôneas ou negativas tanto na concepção da função social e pedagógica da creche e pré-escola e do seu papel como educador infantil como na concepção de criança (especialmente da criança pobre) e de seu desenvolvimento.

O professor que trabalha com crianças pequenas precisa ser ético o suficiente, para não cometer erros que venham a desvalorizar a criança taxando-a de incapaz por ser pobre, negra ou deficiente. Mesmo o professor tendo uma boa formação, ter várias habilidades e competência, esse profissional tendo um perfil que o considere preconceituoso, correrá o risco de se prejudicar profissionalmente e conseqüentemente prejudicar as crianças, as quais convivem na instituição.

3.3 As entrevistas

O procedimento para a coleta de dados, que ajudou a atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, foi uma entrevista semiestruturada com cada professora, tendo como instrumento um roteiro previamente elaborado. Este tipo de investigação valoriza a presença do investigador, dando mais liberdade e espontaneidade ao entrevistado, por isso a opção. De acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada caracteriza-se por questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa em questão, servindo não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão como um todo. Garante a formulação de novas interrogações, frutos de outras hipóteses que vão surgindo no decorrer do tempo.

Para realizar as entrevistas, serviram de elementos para compor as questões e enriquecer a investigação: os dados pessoais, profissionais, o que as professoras pensam sobre rotina, como as caracterizam e o que as professoras levam em consideração na organização da mesma. Para (SPINK, 2004, p.100):

[...] dar voz ao entrevistado, evitando impor as concepções e categorias do pesquisador, permite eliciar um rico material, especialmente, quando este é referido às práticas sociais relevantes ao objeto de investigação e as condições de produção das representações em pauta.

Ao entrevistar alguém, o entrevistador precisa deixar à vontade o entrevistado para que ele fale sem se sentir pressionado, nem interrompido ou mesmo influenciado pela opinião do entrevistador. Deve ser de maneira muito natural, a qual venha a favorecer para ambas as partes sem desviar do foco da entrevista e sem causar prejuízo, só assim os resultados serão satisfatórios e todos ganharão com isso.

3.4 Descrições dos sujeitos da pesquisa

Ana, professora de pré-escola, tem 41 anos, é casada e têm três filhos, leciona há seis anos. Iniciou o trabalho com crianças, depois de passar no concurso municipal em 2006, antes trabalhava como agente de saúde. Sendo aprovada no concurso, optou pela Educação Infantil, devido o salário ser melhor, mas gostou da opção que fez. Quando ingressou na educação teve que fazer o pró-infantil, pois sua formação não condizia com as exigências que a lei vem fazendo sobre a formação dos professores. Explicou que o pró-infantil é um curso muito bom, pois está voltado para uma prática docente infantil. **E que não sabe quando fará o**

curso de Pedagogia, para ela isso não é prioridade porque ela já é graduada em Biologia e trabalha 20 horas semanais.

Juliana, também é professora da pré-escola municipal, tem 44 anos, é casada e tem um casal de filhos pequenos, leciona há 16 anos. Diferente de Ana, ela começou na Educação Infantil porque sempre gostou de crianças e de ensinar. Antes prestava serviço nessa área, depois, em 1996, fez o concurso e foi efetivada. Com formação na modalidade *Normal*, trabalha 20 horas semanais e acredita que para termos uma educação de qualidade, temos que ter compromisso e fazer tudo com amor. Afirma que só voltará a estudar, no caso cursar Pedagogia, quando a lei não permitir mais que ela atue só com o *Normal*.

Luíza, professora da pré-escola municipal, tem 45 anos, é casada e tem dois filhos rapazes, leciona há oito anos, cinco na Educação Infantil e três no Ensino Fundamental como prestadora de serviço. Quando fez o concurso em 2006 para a Educação Infantil, assumiu com a certeza de que iria fazer o que realmente queria: trabalhar com as crianças. É formada em Pedagogia pela UVA e especialista em psicopedagogia. Acredita que teve uma boa formação, por isso procura fazer um trabalho enriquecedor, voltado para criança e suas necessidades. Vai além, dizendo que é bom ter a prática, mas uma boa formação é essencial. Tem uma carga horária de 40 horas semanais.

É necessário destacar que eu não conhecia as professoras dificultando assim, o desfecho da entrevista. Já em relação à Ana, me senti desconfortável, devido à sua pressa em responder as perguntas, por causa do roteiro extenso. A mesma reclamou várias vezes do número de perguntas, no entanto não troquei de entrevistada por ser difícil encontrar professoras com formação pró-infantil. Como instrumento de registro, usei apenas caneta e papel na realização da pesquisa.

3.5 O percurso das entrevistas

Antes de cada entrevista houve uma conversa explicativa sobre a pesquisa, a importância da participação das entrevistadas e sobre o sigilo de todo o conteúdo coletado. Também houve liberdade para esclarecer dúvidas.

A entrevista com a **Ana** foi à sua residência, por ser mais cômodo e melhor para ela. Ainda sugeri que fosse em outro local por não conhecê-la, imaginei ser mais agradável, mas ela não aceitou. Cheguei ao local cinco minutos antes da hora marcada, e aguardei por mais quinze minutos. Quando a entrevistada chegou, nos dirigimos para a cozinha, onde terceiros entravam e saíam durante o período de minha permanência por lá. Sentamo-nos à

mesa onde creio eu, é a das refeições. O local era iluminado e ventilado. Coloquei todo o material que já tinha preparado dias antes sobre a mesa e dei início ao trabalho. Apesar dela se encontrar em casa, manteve-se sempre verificando as horas e preocupada com o total de perguntas. Por isso suas respostas foram na maioria das vezes curtas, superficiais e algumas confusas. É necessário registrar que me senti constrangida pelo incômodo que parecia causar, o que também interferiu negativamente no percurso da entrevista.

A entrevista com a **Juliana** também foi a casa dela. Cheguei dez minutos antes, nos acomodamos em sua sala. Um ambiente calmo, iluminado, aconchegante e silencioso. Com o material em mãos, iniciei dizendo-lhe que seria um pouco demorado, pois as perguntas eram muitas. O interessante é que à medida que ela ia respondendo, sentia vontade de falar da sua prática e percebi o seu prazer em ser professora da educação infantil. Enquanto ouvia suas respostas, fiquei confortável com a situação. Percebi durante toda a entrevista, que mesmo sendo uma professora rígida (autodenominação), ela demonstra esforço e responsabilidade no desempenho das atividades docentes. Ao mencionar que só fará faculdade quando não puder mais protelar, justificou dizendo que tem dois filhos pequenos e que às vezes se sente desestimulada, pois trabalha muito e ninguém valoriza.

A entrevista com **Luíza**

seguiu os mesmo padrões. Cheguei no horário marcado e ela já estava me esperando. Ela foi gentil, prestativa e atenciosa. Começamos conversando sobre a pesquisa e o curso. Em seguida, fomos para sua sala de estudo. Na sala havia uma estante cheia de livros, cadeiras confortáveis e tudo bem organizado. Silencioso, arejado e bem iluminado, contribui assim para o nosso bem estar. Com o diálogo em curso, ressaltou que é uma pessoa feliz na sua profissão e que sente necessidade de fazer um trabalho diferenciado para suas crianças. Muito segura do que falava, mostrou-se sempre preocupada com a postura. Explicou também que um bom professor é aquele que estuda, faz o que deve ser feito, preocupando-se sempre com as necessidades e o desenvolvimento das crianças.

Concluídas as entrevistas, dei início à organização e análise das falas separadamente. Ressaltando certa dificuldade devido à complexidade do material adquirido. Foi gratificante realizar essas entrevistas, já que os objetivos foram atingidos e as dificuldades superadas.

O capítulo a seguir, trata-se das análises dos dados realizadas por blocos em seqüência. Será analisada cada uma das perguntas em conjunto, a partir das respostas dadas pelas docentes.

4A ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA PRÉ-ESCOLA NAS PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS

Neste capítulo, apresentam-se as concepções das professoras sobre rotina, bem como sua análise, destacando os possíveis motivos de sua estruturação. Questionadas sobre o que é rotina, elas responderam o seguinte:

Bloco 01:

Rotina é aquilo que a gente vivencia dia-a-dia junto às crianças. (ANA)

Eu acho que é o que você faz no dia-a-dia. (JULIANA)

É tudo aquilo que acontece no dia-a-dia, na sala de aula. É a base do meu desenvolvimento (LUIZA).

De acordo com cada resposta percebe-se que todas as professoras pensam a mesma coisa sobre rotina. Nas referentes falas, rotina é aquilo que vivenciamos no dia-a-dia. Rotinas são sequências de atos da vida diária, que tem a função de organizá-la. Na Educação Infantil, a rotina tem que existir, para que as crianças possam se desenvolver a partir de uma organização baseada em atividades interessantes e significativas. Não basta que esta rotina exista de fato, ela tem que ser prazerosa e contemplar as necessidades e interesses infantis.

Para Barbosa (2006, p. 35) “rotina é uma categoria pedagógica que os para as crianças responsáveis pela Educação Infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil”. No que se refere à função da rotina cada professora afirma que:

A rotina serve para que as crianças sejam cuidadas e educadas. (ANA)

Ela serve para facilitar o trabalho e organizar o dia-a-dia na sala. (JULIANA)

A rotina serve para promover a interação e o desenvolvimento da criança como um todo. (LUIZA)

A função da rotina, na opinião da Ana e da Luíza está de acordo com a LDB. Já a Juliana afirma diferente, a mesma organiza sua rotina para facilitar seu trabalho. O professor precisa estar ciente de que a rotina deve ser organizada para beneficiar o coletivo e não o contrário. O mesmo deve ser sensível no que diz respeito às especificidades das meninas e meninos que convivem no âmbito escolar infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação a LDB é clara no seu artigo 29, quando exprime a finalidade da Educação Infantil:

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social a fim de complementar a ação da família e da comunidade. As rotinas ajudam a criança desenvolver a consciência sobre o que acontecerá depois, garantindo que estas participem ativamente da sua vida pessoal e grupal. (Barbosa, 2006). Perguntadas sobre a existência da rotina na instituição em que trabalham, o que pensam, quais as facilidades e dificuldades de colocá-la em prática, cada professora afirma que é importante ter essa organização, no entanto, parecem confundir a rotina da instituição com a da sala.

Sim, com certeza. Não se pode trabalhar sem uma rotina, as aulas não têm rendimentos. É importante claro, que tem que ter uma organização. Com relação às facilidades e dificuldades, não tenho dificuldades, apenas temos que pensar para organizar as atividades porque ninguém interfere nas minhas decisões. Não vejo nenhuma dificuldade, porque tudo que é planejado dar certo. (ANA)

Sim, a escola exige que tenha essa rotina. Eu acho muito importante, porque até as crianças ajudam no trabalho e norteiam o mesmo. Em relação às dificuldades, a diretora não há interferência e com as crianças, só facilita. Elessabendo o que vão fazer em sala de aula fica mais fácil, pois quando chegam à sala sem saber fica mais difícil, complicado. (JULIANA)

Sim. Eu acho que é essencial para o bom desenvolvimento das atividades, do dia-a-dia. Em minha opinião, se a rotina não for colocada em prática, a partir de critérios, como obedecer à ordem das atividades, escutar as crianças, saber o que elas querem vivenciar naquele dia-a-dia, o trabalho não terá rendimento. Exemplo: a roda de conversa é o momento de descoberta da criança, facilitando assim o trabalho em conjunto e quando não ouvimos as crianças, se torna mais complicado de colocá-la em prática. (LUIZA)

Todo ambiente escolar tem sua rotina, seria adequado atender às necessidades de todos que ali trabalham. Deve envolver parceria, compromisso e acima de tudo flexibilidade ao desenvolver as atividades propostas. Nas falas acima, houve uma confusão por parte das docentes em afirmar a existência dessa rotina, porém Juliana inicia explicando o proposto, mas no decorrer de sua fala, se atrapalha. Quando indagadas sobre a existência de uma rotina organizada na turma, as docentes dizem o que pensam a respeito e se há facilidades ou dificuldades de colocá-la em prática. Vejamos:

Existe com certeza. É importante porque na realidade não podemos passar conhecimentos para os nossos alunos sem uma rotina organizada e planejada. Não tenho nenhuma dificuldade, trabalho com maior amor e carinho. (ANA)

Sim. Eu acho que é mais fácil trabalhar com uma rotina organizada, porque facilita, direciona o meu trabalho junto às crianças. Não sinto dificuldades em colocá-la em prática. (JULIANA)

Sim, na minha turma há uma rotina organizada. Eu acho que o crescimento e o desenvolvimento da criança acontecem a partir de uma rotina bem organizada. Porque a partir desse momento eu vou descobrir a necessidade da criança e planejar as atividades para que haja a transformação do ser. Não basta que a criança memorize, mas que ela aprenda tudo o que vai lhe servir pra vida toda. (LUIZA)

Todas mencionam o fato de se planejarem, no entanto, são as docentes que organizam a rotina. Organizar uma rotina na instituição infantil implica mais do que tudo isso que foi mencionado. Implica oferecer um trabalho interessante que possam ampliar os conhecimentos de si e do mundo. Organizar uma rotina voltada para a criança e não apenas para facilitar o trabalho do professor. Algo com parceria, de acordo as necessidades da turma, e não do docente, isto é o indicado. Cada rotina, dependendo dos materiais, espaço, oferta de atividades e o tempo têm características próprias. A partir de cada concepção, as docentes organizam a sua rotina.

O quadro de cada professora assinala as atividades desenvolvidas por cada docente, vejamos a seguir:

Quadro1 - Rotina da professora Ana

ATIVIDADE	HORÁRIO
Acolhida com roda de conversa	7h -7h40min
Higienização das mãos	7h40min- 7h50min
Primeiro lanche	7h50min – 8h20min
Hora da aula	8h20min – 8h40min
Atividades: . Linguagem oral e escrita; . Cálculo; . Atividades livres; . Artes; . Ciências Sociais e Naturais.	8h40min - 9h30min
Brincadeira no pátio (recreio)	9h30min – 9h45min
Banheiro e higienização	9h45min – 10h
Segundo lanche	10h – 10h40min
Saída	10h40min – 11h

Fonte: Rita C. Antas

Considerando a rotina da professora Ana assinalada no quadro 01, podemos perceber que é caracterizada por atividades diversas. A professora descreve sua rotina da seguinte forma: No momento da acolhida, as crianças são recebidas nas mesinhas ou em círculos, guarda seus objetos, dá alguns brinquedos educativos ou pedagógicos. Depois inicia a oração em círculos, e segue com músicas infantis, contação de histórias, dinâmicas, brincadeiras e conversa informal. Antes do primeiro lanche, que acontece no refeitório ou pátio, os pequenos são conduzidos para a higienização das mãos. Hora da aula: conteúdos e atividades de treino. Logo mais: brincadeiras no pátio (contação de histórias, som com músicas, danças, brincadeiras livres) ,todos supervisionados pela professora. Saída com avaliação envolvendo as atividades do dia, sobre o comportamento e o desenvolvimento de cada criança.

Durante o período que a criança passa na instituição, ela participa de vários momentos, no entanto, a criança é vista como alguém que precisa ser regulada de acordo com a vontade da professora. A criança brinca e se alimenta, mas tem que aprender conteúdos, pois na opinião da professora, ela está ali para ensinar e a criança para aprender o próprio nome, as vogais, os numerais, etc. Percebe-se também o pouco tempo dedicado à brincadeira. Isso é prejudicial à criança e uma violação dos seus direitos.

A rotina da professora Juliana é a seguinte:

Quadro 2 - Rotina da professora Juliana

ATIVIDADE	HORÁRIO
Acolhida	7h -7h45min
Roda de conversa	7h45min – 8h30min
Banheiro, higienização e explanação dos conteúdos.	8h30min – 9h30min
Almoço	9h30min – 10h
Recreio	10h – 10h30min
Hora da atividade: . Linguagem oral e escrita; . Cálculo; . Ciências Sociais e Naturais; .Artes	10h30min – 10h45min
Saída	10h45min – 11h

Fonte: Rita C. Antas

De acordo com a rotina descrita pela professora, são realizadas diversas atividades. Na acolhida, as crianças são recepcionadas com brinquedos, brincadeiras e músicas. Na roda de conversa acontece conversa informal, hora da novidade, apresentação de tudo o que será trabalhado: o conteúdo, as atividades e a contação de histórias. Em seguida vem à hora de ir ao banheiro, higienização e exploração do(s) conteúdo(s). Depois o almoço acontece o recreio. Nesse momento do recreio, “a gente sai com eles, meia hora no pátio ou brinquedoteca, em seguida voltamos para fazer a atividade escrita” (JULIANA). Por último a saída.

A atividade escrita surge em todas as descrições das docentes. A professora Ana, assim como Juliana envolve as crianças naquilo que considera importante: o ler e o escrever. Apesar de concordarem que as crianças precisam participar e ter outras atividades, porém, estas são as mais relevantes. Nestes casos, o ler e o escrever na educação infantil poderiam ser um processo significativo, no qual houvesse sempre uma ponte ligando a escrita ao mundo real da criança. Conforme Craidy e Kaercher (2001, p. 143):

É importante criar - e garantir - na sua rotina do grupo, situações em que as crianças e sua professora ou o adulto responsável pelo grupo leiam e escrevam explorando as relações entre a utilização da linguagem escrita com a organização do mundo em que vivem.

A rotina da professora Luíza é a seguinte:

Tabela 3 - Rotina da professora Luíza:

ATIVIDADE	HORÁRIO
Acolhida	7h – 7h40min
Higienização e primeiro lanche	7h40min – 8h10min
Roda de conversa	8h10min - 8h40min
Atividades: . Linguagem oral e escrita; . Cálculo; . Ciências Sociais e Naturais; . Artes.	8h40min - 9h20min
Recreio	9h20min – 10h
Segundo lanche	10h – 10h30min
Descanso e preparação pra saída	10h30min – 11h

--	--

Fonte: Rita C. Antas

A rotina da turma da professora Luíza assinalada acima no quadro é organizada de forma dinâmica, com várias atividades distribuídas por momentos, os quais promovem uma participação ativa do grupo. De acordo com o seu quadro a acolhida acontece com músicas, conversa informal e jogos. No momento da higienização e do lanche acontece uma conversa sobre higiene corporal e ambiental. A roda de conversa é o momento da escuta, onde opinam, fazem escolhas sobre a contação de história e reconto. Na hora das atividades, vão à biblioteca, videoteca ou brinquedoteca, envolvendo as práticas pedagógicas como, brincadeiras, jogos, músicas, poesias, leitura e etc. Em dias alternados, acontece a atividade escrita, apenas com função social, isso significa que as crianças só escrevem aquilo que tem um significado, ou seja, são vivenciadas de maneira não mecânica, como forma de registro, sem a tradicional forma repetitiva onde aprendiam letras e sílabas isoladas formando grupos e palavras. Na hora do recreio, as brincadeiras são diversificadas e de acordo com a escolha das crianças. Quando precisa de intervenção, a professora age. Depois do segundo lanche vem o descanso, a explicação da atividade para casa, a avaliação coletiva. Na hora da saída, acontecem cumprimentos, abraços, beijos e saudações.

Segundo a professora Luiza existe a participação da turma na organização da rotina. As crianças participam, escolhem e são ouvidas. A atenção e o carinho dado as crianças também é comentado pela docente, o que é fundamental para que elas se sintam amadas e importantes.

Com relação às atividades que se repetem, as professoras dizem que são importantes. São as chamadas atividades fixas, como a hora do lanche, higiene, contação de histórias, etc. Nos seus relatos falam quais são, o porquê e o que pensam a respeito:

Há atividades repetidas todos os dias, são as rotineiras: (acolhida, hora do lanche, brincadeiras livres e dirigidas). Porque não podemos trabalhar sem essas rotinas. Elas são essenciais no trabalho. (ANA)

Sim, exemplos: a contação de histórias, músicas, como o dia da semana, etc. Porque eu acho importante que essas atividades se repitam, para que facilitem a aprendizagem. E as leituras são muito importantes tanto à dramatizada ou contada, pois tudo isso ajuda, facilita o desenvolvimento da criança. Também porque é muito difícil o pai ou a mãe lerem para eles. (JULIANA)

Sim. Exemplo: as do lanche, higiene e contação de histórias (uma história diferente abordando temas como: família, assuntos que transformam as crianças de várias formas). Porque faz parte do dia-a-dia, que eles precisam e gostam de atividades repetitivas, mas que educam, informam e ajudam a transformá-la. Eu acho importante porque desde que ela faça a criança sentir prazer em fazer a partir de uma linguagem e forma diferente, que não saia do foco. Exemplo: Eu trabalho muito a

questão das atividades da rotina rotineira para educar de forma relacionando a realidade da criança. O foco é o mesmo, mas a estratégia é sempre diferente. (LUIZA)

A criança precisa dessa rotina. Não há nada de errado que exista desde que seja organizada, a partir de objetivos voltados para a promoção do desenvolvimento da criança. Por exemplo: na hora do lanche, servi-los ao som de música clássica em baixo tom, mudar a posição das mesas e cadeiras do refeitório, ou até mudar o lugar em dias alternados. São formas simples de organizar o ambiente e promover na criança a vivência de uma atividade diária, mas de forma diferente e agradável. Com isso, a criança aprende, interage e se desenvolve. Também precisa se pensar melhor sobre a organização desse tipo de rotina e voltá-la para a criança, e não, para a comodidade do professor.

Barbosa (2006, p. 202) afirma que “a rotina rotineira é a repetição quase igual das mesmas atividades, do mesmo jeito, todos os dias”. A autora critica a rotina rotineira, igual todos os dias. Para a mesma autora, a repetição do dia-a-dia nas rotinas da Educação Infantil, pode oferecer experiências que dão sentido de continuidade. A ideia de concluir amanhã algo começado hoje. Ressalva, porém, que frequentemente esta não é a ideia presente nas instituições.

A maioria das instituições infantis no Brasil não é apropriada para o seu funcionamento devido à estrutura física. É importante que sejam edificadas de acordo com a idade infantil. Para realizar um bom trabalho, tanto o professor como a criança, necessitam de um espaço que favoreçam o deslocamento dos sujeitos. Com relação aos lugares onde acontecem as atividades, cada professora afirma realizar suas atividades em espaços diferentes. Elas relatam o porquê e o que acham disso.

Na sala, no pátio ou no espaço livre de terra. Porque para cada de local, as crianças aprendem conhecimentos diferentes. Pois acho importante mudar de lugar na hora das atividades. (ANA)

Mais dentro da sala. Lá existe uma parte com grama, é grande, pois dava para fazer um parque. Pedem para que não os levemos para esse espaço, mesmo assim a gente leva, pois eles gostam muito de brincar nessa grama. Também existe uma parte da escola que é revestida de pedras, não os levamos muito para lá porque temos medo que eles se machuquem. Entretanto, achamos muito importante que eles brinquem todos os dias, independente, do espaço. (JULIANA)

A maioria na sala, no pátio e até no refeitório. Porque eles ficam mais à vontade, saem, brincam e se interagem. Acho muito importante, porque a interação faz parte da aprendizagem, pois ninguém aprende nada sozinha. (LUIZA)

É interessante o posicionamento da Juliana com relação às brincadeiras. Ela acha importante que as crianças brinquem nos espaços externos. Mesmo sendo proibida pela diretora que não permite o uso desses espaços, a mesma leva as crianças para brincarem.

Também existe o medo das meninas e meninos se machucarem. Já Luíza acha importante realizar as atividades em diferentes espaços, com isso ela acredita na aprendizagem das crianças a partir das interações. Valendo ressaltar que as pessoas também aprendem na interação com os objetos existentes no meio o qual estão inseridas.

As crianças são puro movimento, daí a necessidade de espaço para brincarem, descansarem, fazerem as refeições e interagirem. Sendo crianças pequenas ou não, o espaço determina em parte um bom desempenho das mesmas. Por isso, é importante que as atividades sejam realizadas em todos os espaços da instituição. Existem instituições que não tem tanto espaço, uma boa área externa, e têm outras que tem, mas não é usada por medo da criança se machucar ou porque terceiros não permitem. Costa (2011, p. 79) fala sobre isso: “Portanto, a decisão de não utilizá-la [área externa], tendo em vista a integridade das crianças, acarreta como consequência a redução considerável das possibilidades de interação entre elas e delas com o meio ambiente”.

Na rotina das instituições infantis, organizar o tempo entre uma atividade e outra implica flexibilidade, menos espera e atende os diferentes ritmos das crianças. A SEDUC (2011, p. 88) exprime isso: “Organizar o tempo de cada atividade e a passagem de uma atividade para outra, diminui o tempo de espera da criança entre as atividades e torna flexível o período de realização das mesmas, para atender os diferentes ritmos infantis”. Dependendo da atividade, o professor determina o tempo de duração da mesma. Vejamos o tempo disponibilizado por cada professora nessa realização.

Depende da atividade. Algumas quinze minutos, outras trinta e até quarenta minutos. Porque cada atividade é diferente e acho que tem que ser assim. (ANA)

Meia hora cada, porque se passar muito tempo fica exaustivo para criança. Eu acho que se passar muito tempo numa atividade, a criança vai perdendo o interesse, ela muda muito rápido. (JULIANA)

Uns quinze a vinte minutos, prolongando mais as coletivas, para não tornar cansativo para criança e para organizar as outras atividades. Pois acho importante a organização a partir do tempo. (LUIZA)

Percebe-se a preocupação em dar tanta importância ao tempo, marcando-o com rigidez, pressa, numa forma de ritual que chega a banalizar o trabalho junto às crianças. Mesmo as professoras se preocupando com o cansaço, percebemos que correm o risco de frustrá-las, caso estejam empolgadas com as atividades vivenciadas, merecendo, isto, um olhar mais sensível por parte do docente. O tempo não deve ser esquecido, porém, tem que haver cautela e respeitar o tempo de cada criança. Com isso a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (2000, v.04, p.17) exprime o seguinte:

Rotinas rígidas e não flexíveis desrespeitam a criança e o professor. A organização de uma rotina não é para escravizar e sim libertar as crianças e os professores, para

facilitar o dia-a-dia e orientar as ações do professor e das crianças orientando-os no tempo e espaço.

A questão dos materiais para a realização do trabalho na creche e pré-escola é um problema à parte. Se existe, não é de qualidade nem quantidade suficiente. Veremos abaixo o que cada professora diz a esse respeito.

Varia de materiais. Têm dias que usamos jogos pedagógicos, diversos brinquedos, fichas, gravuras, quadro branco com pincel, entre outros. Os materiais são bons e cada um deles têm um ensino e uma aprendizagem diferente. Já a quantidade nem sempre é suficiente, aí que vem a dificuldade. Você quer dar para todos e não tem, mas a gente dar um jeitinho de todos se engajarem nas atividades. (ANA)

A qualidade e a quantidade não são boas, nem suficientes. Desde cedo trabalhamos com folha de papel almaço, ofício, lápis, massinha, argila (que eu compro), cadernos, livros, quadro, fichas, giz de cera e lápis de cor. (JULIANA)

São: os jogos e materiais reciclados. A qualidade é boa e em números suficientes. Nas minhas brincadeiras todos participam e não apenas uma minoria. (LUIZA)

Observa-se assim, que de acordo com as docentes há diferença na distribuição de material pela Secretaria Municipal de Educação- SME, entre as instituições de Educação Infantil. Se pensarmos em um ambiente infantil sem material é como pensar em uma casa vazia. Não se pode organizar e ampliar os horizontes de uma criança em um lugar sem estímulo, sem cor, sem brinquedos e materiais, especialmente brinquedos, para a realização das atividades. Por isso se faz necessário para todo profissional, organizar o seu ambiente de maneira que venha causar prazer, alegria e curiosidade na criança. Na maioria das vezes falta material e o professor tem que construir brinquedos e jogos de sucatas. Segundo Barbosa (2006, p. 164):

A existência de um amplo repertório de materiais escolhidos pelos educadores, adequados às crianças, é um elemento que pode ampliar a variedade das atividades das rotinas, dar tranquilidade ao educador para poder criar novas ações e não repeti-las, fazer com que as crianças possam estar mais envolvidas nas ações, realizando brincadeiras coletivas e individuais.

Sabemos que para organizar uma rotina dinâmica exige um elemento essencial que são os materiais em quantidade, qualidade adequada e suficiente. Veremos como esses materiais contribuem para a organização da rotina, na opinião das professoras.

Sim, contribuem. Porque sem os materiais a aula ficaria monótona e é muito importante. (ANA)

Quando tem facilita, contribuem, mas quando não tem fica difícil fazer um trabalho de qualidade. (JULIANA)

Sim, de forma que chame a atenção da criança e que desperte o interesse na mesma de participar. (LUIZA)

Ter um vasto repertório de materiais ajuda o professor organizar sua rotina e colabora no desenvolvimento integral da criança. No entanto, o que acontece na realidade é a falta desses materiais nas instituições, dificultando o trabalho dos professores. Faltam brinquedos, jogos, materiais didáticos como folhas de todos os tipos, lápis variados, livros em quantidade suficiente, enfim tudo que contribui para enriquecer o trabalho junto às crianças. O tempo e o espaço proporcionam aos docentes organizarem dentro de suas rotinas, as brincadeiras. Sobre esse tema elas exprimem que o tempo é pouco e os espaços variam.

O espaço varia muito. Às vezes é na sala, outras vezes, no pátio ou no espaço de terra. O tempo varia para cada brincadeira. Esses momentos são riquíssimos para as crianças, elas aprendem a descobrir o que está em sua volta. (ANA)

Tem muito espaço, árvores frutíferas muito apropriadas para brincadeiras. Ao redor tem um espaço que é desfavorável, devido ao mau planejamento na construção do prédio. Acho um desperdício de espaço Já me refiro ao tempo, é curto, prejudicando no desenvolvimento infantil. (JULIANA)

É o pátio. Eu acho que é apropriado, no qual as crianças brincam livremente e da maneira que escolherem. Sem falar que é importante despertar-lhes a importância do limite. Exemplo: numa brincadeira especificar, limitar o espaço, dependendo da brincadeira, de suas regras, do movimento e do próprio espaço. Já o tempo é de apenas meia hora por dia. Acho muito pouco. (LUIZA)

Para que a brincadeira seja prazerosa é necessário um espaço bem organizado e tempo disponível, onde as crianças possam movimentar-se livremente, despertando o interesse na interação com o meio, seus objetos e as demais pessoas. Apesar de todas as professoras concordarem que a brincadeira é importante para as crianças, ainda dedicam pouco tempo a essa prática. Fica claro o não cumprimento da lei, que é direito da criança brincar e interagir na instituição, a partir de uma proposta pedagógica que favoreça essa vivência no dia-a-dia das crianças. Como exprime a nova Resolução de n.º 05 de 17 de dezembro de 2009, artigo 9º: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras” (SEDUC, 2011, p. 137).

Questionadas sobre o que as professoras levam em consideração, na organização da rotina, foram citados aspectos diferentes.

Para cada momento as crianças são direcionadas. O tempo e o espaço são essenciais para que cada criança desenvolva suas habilidades e seus conhecimentos. Para que elas possam se engajar é essencial ter espaço suficiente. (ANA)

Valorizo os materiais, de forma que através deles, a criança terá mais interesse. (JULIANA)

De forma flexível avaliando todo dia o que fiz e deu certo ou não. Refletindo a partir da realidade e das necessidades das crianças, para melhorar o aprendizado. O que levo em consideração é um conjunto (espaço, tempo, participação e as necessidades das crianças). Tudo porque com a participação total da criança, ela vai se descobrir e se desenvolver com a minha mediação. (LUIZA)

Na Educação Infantil o foco são as crianças. Antes de organizar a rotina, o professor precisa descobrir o que pensam e o que desejam, elas precisam ser escutadas. Escutando-as o professor descobrirá suas necessidades, poderá fazer um trabalho diferenciado enriquecedor e com isso as conhecerá melhor. O ato de escutar as crianças implica levar em consideração suas falas. Segundo Cruz (2009, p. 13):

Escutar as crianças não significa apenas dar-lhes tempo para falar, mas considerar o que elas dizem. Requer desejo de entender e reflexão entre os adultos sobre o que pode aprender com elas e como podem considerar isso ao planejar e desenvolver atividade com as crianças.

Interrogadas se há interferência da Secretaria de Educação, da diretora e da coordenadora da instituição na organização da rotina, as docentes ressaltam sobre essas participações ou na falta delas, como isso acontece e o que pensam.

Sim. Interferem, participam observando, orientando, planejando com a gente, incentivando e nos apoiando. Eu acho importante, porque sem esse apoio não temos como trabalhar com qualidade. (ANA)

Não participam. Eles pedem apenas que você tenha uma rotina e a siga. Eu acho que deveria ter mais acompanhamento, ajuda e participação no desenvolvimento da rotina. (JULIANA)

Sim existe. De maneira positiva com estudo, como melhorar nossa prática. Em minha opinião, eu acho importante, pois todos crescem: escola, professor e todos que estão envolvidos. (LUIZA)

Tendo ou não participação ativa desses integrantes na organização da rotina, este não é um fator único e decisivo, ele favorece sim, mas não é determinante. Questionadas sobre a existência da proposta pedagógica da instituição em que trabalham, as docentes relatam como construíram, se conhecem essa proposta e o que ela traz sobre a organização da rotina.

Sim ela existe e foi construída com professores, funcionários, núcleo gestor e a comunidade. Eu acho que tem que ser assim, trabalhar em parceria. Essa proposta diz como organizar nossos planejamentos na unidade escolar. (ANA)

Sim existe. Conheça-a superficialmente. Pois foi feita de uma maneira rápida e sem escutar muito a opinião de todos. Participaram, nós professores e algumas mães da comunidade. Não sei a relação existente com a rotina, pois modificaram sem a nossa participação. (JULIANA)

Sim, conheço. Ela foi construída com a opinião e a pesquisa dos professores. Ela é boa, pois aborda o que é necessário para o bom desenvolvimento da criança. A maior parte da proposta já vem modificada a partir da melhoria da prática docente. Exemplo: o que deu certo é permanecido e o que não deu, é retirado. (LUIZA)

Numa instituição escolar infantil a proposta pedagógica ou projeto pedagógico atua como o plano orientador das ações da mesma, sempre há uma proposta em curso, mesmo que não esteja formalizada como documento. Todos que compõem a instituição devem participar da sua construção, mas não é o que acontece na maioria das vezes. Em muitos

casos, ela é feita pelo coordenador e fica engavetada, sendo que uma minoria participa e de maneira muito vaga, desvalorizando o trabalho em equipe. É o caso da instituição da professora Juliana. Como vimos, infelizmente, essa prática é, ainda, uma realidade existente. Uma postura por parte dos coordenadores de não valorizar a participação dos que compõem este contexto, comprometendo a qualidade dos serviços prestados às crianças. ASEDUC (2011, p.111) afirma que:

A proposta pedagógica, ou projeto pedagógico, é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para o desenvolvimento dos meninos e meninas que nela são educados e cuidados, as aprendizagens que se quer promovidas. Na sua execução, a instituição de Educação Infantil organiza seu currículo, que pode ser entendido como as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças. Por expressar o projeto pedagógico da instituição em que se desenvolve, englobando as experiências vivenciadas pela criança, o currículo se constitui um instrumento político, cultural e científico coletivamente formulado.

Para fazer um bom trabalho, todo profissional precisa sempre estar estudando, atualizando-se. Com o professor não é diferente, pois as coisas se renovam dia-a-dia através da ciência e dos seus estudiosos. Sobre as fontes de pesquisas acessadas pelas professoras, todas são unânimes em afirmar que as procuram com frequência:

Sim. Na Internet, biblioteca e também peço opinião as colegas. Troco experiências. A frequência varia, depende também do planejamento. (ANA)

Sim, em revistas e os parâmetros curriculares, consulto-os sempre. (JULIANA)

Sim, em livros, revistas e internet. Busco-os sempre, pois se não utilizarmos sempre, ficamos desatualizadas. A nossa aprendizagem tem que ser constante, somos aprendizes. (LUIZA)

Os relatos a seguir mostram se a rotina das docentes sofrem alterações, quando acontece e o que acham disso:

Não. Pois tudo está bem. (ANA)

Sim quando o imprevisível acontece, uma coisa nova que exija mudanças. Acho importante até para conhecer melhor sobre a criança. (JULIANA)

Sim, ocorre. Dependendo do momento quando exige uma alteração. Por exemplo: quando surge um problema ou um outro interesse das crianças. (LUIZA)

Trabalhar com crianças sem que haja modificações na sua rotina diária, é possível e isso é comum, porem não é o adequado. As alterações, os imprevistos e o inusitado fazem parte da natureza infantil. Nem sempre o interesse do professor é o das crianças, no entanto, o docente precisa estar atento a esses detalhes. Não se pode ignorar as necessidades e os desejos das crianças. Questionadas se as crianças participam da organização da rotina e de que forma, as professoras respondem o seguinte:

Sim, participando, mostrando seus conhecimentos e também obtendo conhecimentos. Muitas vezes elas escolhem as atividades, brincadeiras. Exemplo: imitações da professora. (ANA)

Não. (JULIANA)

Sim, dando opiniões, falando o que querem, fazendo escolhas. Exemplo: Repetir uma música, uma história. (LUIZA)

A participação da criança na organização da rotina, ainda é uma realidade pouco dada importância, apesar de duas professoras praticarem isso, mas é uma participação pequena, com superficialidade, pois ter as crianças como participantes implica uma escuta e conhecimentos sobre as meninas e meninos. Mesmo assim, alguns docentes, não tem a prática de planejar a organização da rotina junto com as crianças. Isso fica claro na fala da professora Juliana.

A criança é um ser inteligente, capaz de se posicionar, participar e dizer o que quer pra si. Em uma turma de crianças, não tem como fingir que elas não estão ali presentes. A criança é o foco, o centro, por isso que na organização da rotina, a sua opinião tem que ser levada a sério. O professor deve escutá-las, mas essa atitude por parte do docente, ainda é pouco relevante. Para muitos, a criança não tem que escolher ou opinar, nem tão pouco dizer o que quer fazer, acontecendo assim o desrespeito para com a liberdade da criança. Perguntadas sobre as atividades/situações consideradas mais importantes de serem realizadas pelas crianças ao longo do dia, elas responderam:

As atividades lúdicas. Elas são muito importantes para as crianças, porque adquirem conhecimentos, desenvolvem suas habilidades e exploram o meio. (ANA)

São as atividades envolvendo o lúdico. Porque gosto de trabalhar com jogos, brincadeiras. A aula fica mais prazerosa pra mim e pra eles. (JULIANA)

São as atividades lúdicas, porque a gente está sempre trabalhando de uma forma completa. Elas envolvem os conteúdos em forma de brincadeira. A escrita deve ser a mínima, porque cansa muito a criança, o lúdico não. Ele promove a interação da criança com todos. (LUIZA)

Trabalhar com o lúdico na educação infantil é uma maneira eficaz da criança se desenvolver de forma completa. Tudo porque essa forma de aprender com jogos, está ligada ao ato de brincar e tudo que envolve o brincar na vida da criança, conduz a mesma a um aprendizado real e prazeroso. As brincadeiras enriquecem o mundo das crianças e são importantes para o seu desenvolvimento, por isso se faz necessário valorizar esse tipo de atividade, pois a mesma cria uma atmosfera voltada para os sentimentos, valores, conhecimento do mundo, de si próprio e da natureza. Segundo Kishimoto (2010, p.146):

A atividade lúdica é importante porque dá o poder a criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si e os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e

identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar.

A seguir veremos qual é o momento do dia que as docentes mais gostam e o porquê.

É o momento das brincadeiras direcionadas, porque é quando termina as atividades diárias e noto que a turma interagiu e aprendeu. (ANA)

Gosto do momento das brincadeiras, porque é quando acontecem as interações entre eu e as crianças. (JULIANA)

Eu gosto da hora da brincadeira, porque o brincar faz uma correção dinâmica sem castigar a criança. É um momento de transformá-la, pois a mesma interage, participa e se torna capaz de resolver qualquer conflito. (LUIZA)

Na fala de cada professora, percebe-se a importância das brincadeiras. No entanto, chega a ser contraditório quando a professora Ana se refere às brincadeiras como algo que serve para a criança aprender conteúdos. É o caso das brincadeiras direcionadas, que são aquelas escolhidas pelo professor com objetivos específicos. Todas salientam o fato das brincadeiras promoverem a interação.

Sobre as interações acontecerem somente na hora das brincadeiras, esta afirmação é inadequada, pois a criança se interage no momento de uma conversa com seus pares, com adultos, com os objetos e com o meio em que a mesma está incluída.

Com relação à expressão da professora Luíza, quando ela afirma que “a brincadeira faz uma correção dinâmica na criança” isto é algo sério, porque a criança não brinca para se corrigir, ela brinca para se sentir ela mesma, para se sentir feliz, pois a brincadeira tem este poder que é deixar a criança de bem consigo mesma.

As brincadeiras promovem a interação e conseqüentemente o desenvolvimento intelectual, social, motor e afetivo sendo que ambos estão interligados.

Nas concepções das professoras, as brincadeiras também fazem parte do melhor momento das crianças na instituição.

Vejamos os relatos:

São os momentos das brincadeiras e do lanche. Porque é o momento em que estão brincando, aprendendo e se educando. (ANA)

É a hora do recreio, é a hora do divertimento, da brincadeira com a turma e ficam felizes. (JULIANA)

Na hora das brincadeiras. Porque é momento de interação e aprendizagem. (LUIZA)

Brincar para a criança é a atitude mais importante, por isso se faz necessário respeitar-lhe este direito e criar oportunidades que a deixe livre para escolher como e com o que brincar.

Para Oliveira (1988, p.110):

[...] a brincadeira infantil constitui uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações e onde também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer na Educação Infantil é, para a maioria dos profissionais que nela atuam, um desafio constante. Com tantas mudanças que aconteceram e outras que precisam acontecer, abrange um contexto muito maior do que o social, político e econômico. O cuidar e o educar vão além dessas ações, pois envolvem compromisso, responsabilidade e amor.

O objetivo central dessa pesquisa foi justamente entender a concepção dos professores sobre um desses fazeres, a rotina.

Um tema interessante que ao mesmo tempo em que orienta os envolvidos, também exige uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido na instituição infantil. Não é um simples fazer, mas um conjunto de ações que caracteriza o profissional que ali trabalha e a educação oferecida às crianças. Essas ações devem contribuir para o desenvolvimento integral das mesmas. De acordo com o tempo, o espaço e a oferta dos materiais, a organização deve acontecer a partir das necessidades das crianças e com a participação das mesmas.

O tempo nessa construção serve para as crianças se situarem, marcando a transição das atividades. Vale ressaltar que esse tempo não deve ser rígido e inflexível, mas precisa ser pensado sobre esses aspectos, por parte do educador. Essa construção deve constar de atividades significativas, as quais promovam o desenvolvimento intelectual, social, motor e afetivo dos pequenos. Já o espaço deve ser bem atrativo, cheio de materiais que envolvam e despertem a curiosidade infantil, alargando as relações entre os pares, pois o ambiente rico favorece uma melhor qualidade na aprendizagem, desde que sejam bem escolhidos e bem organizados.

Os objetivos os quais propus para a realização dessa pesquisa foram atingidos. Apesar de ter sido uma situação nova, foi prazerosa, pois me permitiu sentir a necessidade de mudança na minha postura enquanto profissional. Aprendi muito e abri novos caminhos para uma prática mais voltada para as necessidades das crianças. Acredito, também, que a mesma possa contribuir para uma reflexão acerca do trabalho docente e que outras pessoas se identifiquem com o tema e procurem realizar outras pesquisas sobre rotina, melhorando, assim, a qualidade na Educação Infantil.

Ao realizar esta pesquisa, senti dificuldades devido ao não domínio de informática, necessitando da ajuda de outras pessoas. Mesmo assim, procurei realiza-lo da melhor maneira possível. Usei como instrumento na realização da mesma, entrevista semiestruturada e análise de dados.

Os resultados obtidos mostram que a rotina organizada, vivida pelas meninas e meninos da pré-escola, é uma rotina baseada no controle e regulação do professor sobre as

crianças. Uma rotina pobre, sem muito atrativo e que a aprendizagem das mesmas gira em torno da escolarização, tendo como principal objetivo a preocupação com que a criança aprenda a ler e a escrever. Uma prática não condizente com o objetivo da Educação Infantil, conforme analisado por Silva e Farias (2000, p. 31 *apud* LIMA, 2010, p. 66):

A Educação Infantil deve preocupar-se não apenas com o processo de alfabetização (garantir que as crianças compreendam para que serve a escrita e o seu modo de construção interna), mas principalmente deve assegurar que as crianças sejam usuárias da língua portuguesa com toda a sua riqueza e descubram o prazer que a leitura e a escrita podem oferecer.

Essa escolarização na pré-escola é fruto, dentre outros aspectos, de uma má formação dos docentes, do espontaneísmo ou simplesmente de uma má administração escolar, na qual a diretora e coordenadora não tem nenhuma formação e exigem dos professores um ensino-aprendizagem a fim de ingressar a criança no Ensino Fundamental. Mesmo com a intenção de educar e cuidar, o professor oferece às crianças uma rotina fragmentada, onde atividades são oferecidas de maneira superficial, reforçando com isso a submissão das crianças a determinação do professor, desmerecendo as competências e necessidades das mesmas. Uma rotina onde o trivial acontece de forma muito rotineira, hora da chegada, da higiene, alimentação, atividade escrita (vista como única atividade pedagógica), recreio e saída. Essas atividades, vistas como rotineiras, são muitas vezes realizadas, porque não há planejamento voltado a partir da escuta das crianças. O professor como foco e não as crianças. Partindo desses resultados, podemos perguntar: Será que esse tipo de rotina contribui de fato para o desenvolvimento integral dos meninos e meninas? Como romper com essa prática, se ainda existe professores resistentes em não querer se aperfeiçoar? São questionamentos que precisam de reflexão.

Diante dessas conclusões, alguns fatos específicos me chamaram atenção: a valorização que as professoras dão às brincadeiras, mas chega a ser curioso e contraditório o fato de dedicarem pouco tempo a essa prática. Isso é preocupante, uma vez que na hora da brincadeira a criança expande-se, quando aprende e transforma sua realidade em um mundo onde tudo é possível. Alegrias, tristezas, raivas e outros sentimentos são exteriorizados de forma a deixá-las de bem com a vida novamente. Por esses motivos é que as crianças necessitam brincar mais tempo nas instituições. Os professores devem ficar atentos à necessidade que é o brincar.

De acordo com a SEDUC (2000, v. 05, p. 14):

Para que as crianças possam ter seu direito de brincar garantido na instituição de educação infantil, não é necessário apenas que haja brinquedos em quantidade e

diversidade, espaço e tempo reservado para esta atividade, mas, sobretudo uma certa abertura daqueles que trabalham com as crianças para acolherem suas iniciativas e serem partícipes de uma atividade que não tem nenhuma finalidade utilitária a não ser o gozo gratuito e partilhado.

Outro fato que me chamou a atenção na fala das entrevistadas foi o descaso com que percebem a formação docente. Como um professor pode crescer se ele não estuda? Acredito que a formação dos professores é um fator importantíssimo para a prática docente, principalmente, em se tratando de exercer um trabalho em que crianças estejam envolvidas. Como fala Oliveira (1995, p. 55):

[...] que o professor descubra e busque cuidar da semente do profissional que existe nele mesmo, pois “tudo principia na própria pessoa”. Tal processo construirá este profissional de modo que este assuma, com compromisso e responsabilidade, procedimentos essenciais para a realização de um fazer intencional, reflexivo e profícuo.

É claro que um bom desempenho profissional parte de estudos teóricos acompanhados de uma prática que envolva, antes de qualquer coisa, responsabilidade e compromisso, juntos fazendo a diferença. O professor precisa estar ciente de suas atitudes perante as crianças. Cuidar e educar de forma que venha a transformar estas crianças em seres melhores, atribuindo-lhes todas as suas competências e vendo-as como seres de direitos, desde o momento que nascem. Isto implica dizer que esses pequenos não podem sair inalterados da instituição, cabendo ao professor esse papel de mediador, companheiro presente, um adulto que zela pela a felicidade das meninas e meninos que frequentam as instituições de educação infantil. Para isso acontecer, realmente, ele precisa: amar, respeitar, ouvir, intervir e orientar as crianças de uma forma tão intensa e verdadeira que transmita confiança, fazendo com que se sintam amadas, ao mesmo tempo importantes e, conseqüentemente, felizes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosimeire Costa de. **A rotina da pré-escola na visão das professoras, das crianças e de suas famílias.**2007. Tese (Doutorado em Educação Infantil) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. **LDB/ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei 9394 de 26/12/1996
- CEARÁ. Secretaria da Educação Básica – **A instituição de educação infantil.** / Maria Amélia Simonetti Gomes de Andrade e Rita de Cássia Freitas Coelho. Fortaleza, SEDUC, v.04, p.20, 2000.
- CEARÁ. Secretaria da Educação Básica – **Brincadeiras de criança: encantos e descobertas.** / Maria de Fátima Vasconcellos. Fortaleza, SEDUC, v.05, p.14, 2000.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil.**/ Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Fortaleza: SEDUC,2011.
- COSTA, Sinara Almeida da. “ **Na ilha de Lia, no barco de Rosa” : o papel das interações estabelecidas entre a professora de creche e as crianças na constituição do eu infantil.**2011. Tese (Doutorado em Educação Infantil) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- COSTA, Sinara Almeida da. **“Falou, tá falado!”: as representações sociais docentes sobre infância, criança, educação infantil e papel do professor.** 2007. Tese (Mestrado em Educação Infantil), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- CRAIDY, C.M.; KAERCHER, G.E.P. S. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **Mesa Redonda: “Memória: construção cultural para crianças e culturas produzidas por crianças”.** BRINCAR CORRENDO ANTES QUE A TIA CHEGUE: percepções e reações de crianças acerca de suas experiências na pré-escola. Fortaleza, 2009 (artigo). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **Reflexões acerca da formação do educador infantil.** Cadernos de Pesquisas. São Paulo, n 97, p. 7989, 1996.
- KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil.** Texto elaborado para consulta pública sobre temas incluídos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.Site do Ministério da Educação (MEC), 2010.
- LIMA, Antônia Emanuela Oliveira de. **A rotina na educação infantil e sua contribuição para a autonomia moral da criança.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- MINAYO, Maria Cecilia de S. & SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ; Rio de Janeiro v.9, n 3, p. 239-262, jul./set; 1993.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A profissionalidade específica da educação de infância e os estilos de interação adulto/criança. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia e FORMOSINHO, João (Orgs.). **Associação Criança: um contexto de formação em contexto**. Portugal: Livraria Minho, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes R. (org.) **Educação Infantil: Muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES, Charlene de Oliveira. **A construção das rotinas: caminhos para uma educação de qualidade**. 2009. Tese (Doutorado em educação Infantil) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2009.

SPINK, M.J.P. **O estudo empírico das representações das representações sociais**. In: SPINK, M.J.P. (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TRIVIÑOS, A.N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Bloco 1: O que os professores pensam sobre rotina

1. O que é rotina pra você?
2. Pra que ela serve?
3. Na instituição em que você trabalha existe uma rotina organizada? O que você acha disso? (Quais as facilidades e dificuldades de colocá-la em prática?)
4. E na sua turma de criança, há uma rotina organizada? O que você acha disso? Por quê? (Quais as facilidades e dificuldades de colocá-la em prática?)

Bloco 2: Caracterização da rotina

1. Descreva o seu dia com as crianças desde o momento em que você chega na instituição até o momento de ir embora.
2. Há atividades que se repetem todos os dias? Quais? Por quê? O que você acha disso?
3. Onde (em que espaços) costumam acontecer as atividades? Por quê? O que você acha disso?
4. Quanto tempo costumam durar as atividades? Por quê? O que você acha disso?
5. Que materiais você costuma utilizar para a realização das atividades com as crianças? O que acha da qualidade desses materiais? Eles são em número suficiente para todas as crianças?
6. Você acha que os materiais colaboram na organização da rotina? De que forma?
7. Qual o espaço e o tempo destinado à brincadeira durante o dia? O que você acha disso?

Bloco 3: O que os professores levam em consideração na organização da rotina

1. De que forma você organiza sua rotina com as crianças? O que você leva em consideração? Por quê?
2. A Secretaria Municipal de Educação, a coordenação e/ou a direção da instituição interferem na organização da rotina? De que forma? O que você acha disso?

3. Na instituição em que você trabalha existe proposta pedagógica? Você a conhece? Sabe como foi construída? O que acha dela? O que ela traz sobre a organização da rotina?

4. Você tem acesso a fontes de pesquisa que te ajudam na organização da rotina? Quais? Com que frequência costuma utilizá-las?

5. A rotina da sua turma costuma sofrer alterações? Quando isso acontece? O que você acha disso?

6. As crianças participam da organização da rotina? De que forma?

7. Que atividades/situações você considera mais importantes de serem realizadas pelas crianças ao longo do dia? Por quê?

8. Qual o momento do dia que você mais gosta? Por quê?

9. Qual o momento do dia que você acha que as crianças mais gostam? Por quê?